



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HIAN CÁSSYO DANTAS DE OLIVIERA

**“SOU UM HOMEM, SOU UM BIXO, SOU UMA MULHER, SOU A MESA E AS  
CADEIRAS DESSE CABARÉ”: A PROSTITUIÇÃO NA (TRANS)EXPERIÊNCIA  
TRAVESTI.**

Juazeiro do Norte  
2019

HIAN CÁSSYO DANTAS DE OLIVEIRA

**“SOU UM HOMEM, SOU UM BIXO, SOU UMA MULHER, SOU A MESA E AS CADEIRAS DESSE CABARÉ”: A PROSTITUIÇÃO NA (TRANS)EXPERIÊNCIA TRAVESTI.**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Francisco Francinete Leite Júnior

Juazeiro do Norte  
2019

**“SOU UM HOMEM, SOU UM BIXO, SOU UMA MULHER, SOU A MESA E AS CADEIRAS DESSE CABARÉ”:** a prostituição na (trans)experiência travesti.

Hian Cassyo Dantas de Oliveira<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

**RESUMO**

As discussões relativas a gênero surgiram há alguns anos com as feministas, assim, a nomenclatura referente a gênero se limitava em apenas diferir o homem da mulher não dando conta de um contexto social heterogêneo, sendo necessário uma desconstrução do significado trazido por esse conceito. A partir desse desenrolar, possibilitou-se pensar formas de vivenciar perspectivas de gênero como o das travestis, no qual é algo que borra as fronteiras dicotômicas, transcendendo a zona fronteira tida entre o homem e a mulher. Dado isso, a sociedade dissemina heteronormas nas quais dificultam o acesso desse público ao campo social, escolar e ao mercado de trabalho formal acarretando sua entrada no meio de trabalho sexual. Dessa forma, a prostituição se evidencia não somente como fonte econômica, mas também influi significativamente no construto subjetivo da travesti ao passo que ela pode se reafirmar enquanto símbolo feminino no terreno de prostituição. Dito isso, a sociedade produz processos de abjeções nos quais conferem as pessoas trans uma posição invivível, violentável, descartável, como se estes (as) nascessem para a morte, são vidas que não são dignas de ser vividas, copos que não importam. Por conseguinte, o escrito que se segue possui como escopo compreender como a literatura caracteriza a experiência da prostituição das travestis de modo a entender a auto representação das travestis ao passo que investiga sua singularidade, descrever como se configura prostituição travesti e investigar as vulnerabilidades e o processo de exclusão social implicados na experiência da travestilidade. Nessa lógica, se fundamenta a partir de um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo e descritivo no qual adota como critérios de inclusão artigos científicos com menos de 15 (quinze) anos e obras clássicas que se debruçam sobre a experiência tida por meio do gênero travesti na prostituição bem como a respeito de sua singularidade.

**Palavras-chave:** Travesti. Prostituição. Experiência. Psicologia.

**ABSTRACT**

Gender related discussions emerged a few years ago with the feminists, which being said, the gender related nomenclature, limited itself only to differ men from women, not relating to a heterogeneous social context, being necessary to deconstruct the meaning given by such concept. The unfolding of this, allowed thinking ways to experiment gender perspectives, such as transvestite, which is something that blur the dichotomy boundaries, transcending the frontier zone between men and women. Given that, society spreads hetero standards, which hampers this public access to the social, academic and work market fields, resulting in a sexual way of work. Therefore, prostitution evidence itself not only as an economic source, but also plays a significant part on the subject construct of a transvestite, in a way that she can reaffirm herself as a feminine symbol in the prostitution field. That being said, society produces abjection processes in which is given Trans people an invisible position, violent,

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO) – Email: hian\_cassyo@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO) – Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br.

disposable, as if she were born to die. Those are lives that are not worthy to be lived, bodies that does not matter. As consequence of such, the writing that follows has a scope to understand how literature characterizes the transvestite's prostitution experience as a way to know the self-representation of the transvestites while investigates it's singularity, describing how the transvestite prostitution configures itself, an inquire the vulnerabilities and the social exclusion process implied by the transvestite experience. In this logic, it fundamentes itself towards a bibliographic study, of qualitative and descriptive terms, in which uses as inclusion criteria, scientific articles with less than 15 (fifteen) years and classic pieces that elaborates on the experience by the transvestite gender in prostitution, as well towards its singularity.

**Key Words:** Transvestite. Prostitution. Experience. Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde outrora emergiu a necessidade de discutir-se questões relacionadas à gênero, mas para se chegar ao que temos hoje, essa problemática passou por várias discussões. Desse modo, Scott (1995) enfatiza que as feministas foram as primeiras a se apropriarem da palavra gênero, estas buscavam estabelecer a diferença entre os sexos negando o determinismo biológico, uma vez que homens e mulheres eram tidos numa mesma categoria sem distinção, sendo impossível mencioná-los de forma divergente.

Assim, a nomenclatura referente a gênero se limitava em apenas diferir o homem da mulher não dando conta de um contexto social heterogêneo, sendo necessária uma desconstrução do significado trago por esse conceito. Posto isso, Foucault (1993) possibilita pensar “gênero” de forma mais ampla na qual pode ser tida por meio de representação, auto representação, resultado da interação de tecnologias sociais como o cinema e as músicas, formas de expressão e vivências do dia a dia. Gênero, dessa forma são todos os efeitos provocados em corpos, condutas e vinculações sociais.

Portanto, faz-se necessário uma percepção voltada para as representações que estão envoltas nas relações dos sujeitos e o significado atribuído a experiência destes através do seu corpo vivido, pois para além de ser uma elaboração social que incide num corpo, esse corpo também se apresenta como uma construção no qual é atravessado por marcas de gênero. Por conseguinte, o corpo não é algo vazio no qual é depositado as significações de gênero, mas também faz parte dessa construção performativa (BUTLER, 2003).

Mediante a breve discussão de gênero levantada anteriormente, adentrar-te-ás agora em questões relativas ao gênero travesti. De acordo com Butler (2003), a singularidade das travestis é algo exclusivo, pois existe uma combinação de caracteres físicos femininos com a subjetividade homossexual masculina. Dessa forma, a individualidade travesti é algo que

perpassa a zona fronteira entre o masculino e o feminino, transcende as dicotomias existentes entre homem-mulher.

Sendo assim, a sociedade na qual estamos imersos dissemina a todo instante fundamentos heterocêntricos, que por inúmeras vezes impedem a entrada de travestis na esfera social, educacional bem como no mercado formal de trabalho. Essa negação faz com que esse público desde muito cedo enfrente diversas dificuldades quanto à inserção no âmbito trabalhista podendo acarretar sua entrada no meio sexual (KAFFER *et al.*, 2016).

De acordo com Duque (2011) a principal forma de trabalho das travestis é a prostituição e por diversas vezes é tido como único meio no qual viabiliza uma fonte de renda para estas. Ainda que muitas não usufruam da prostituição como fonte de renda, estudos apontam que para além de viabilizar uma fonte econômica, essa forma de trabalho influi significativamente no construto da experiência singular da travesti.

Posto isso, Pelúcio (2009) afirma que ao se falar nas travestis em situação de prostituição é necessário enfatizar que as ruas exercem papel fundamental na construção singular do sujeito enquanto travesti imersa no seu meio de trabalho. Nesse sentido, é nas ruas onde ocorrem fenômenos como o amadrinhamento das veteranas para com as novatas, ou a aplicação de silicone para tornar o corpo mais feminino a fim de agradar os clientes, como também a construção de relações de amizade ou até a hormonização, a título de exemplo. Isso tudo contribui na construção da individualidade travesti, aprofundada posteriormente.

À vista disso, o adentro a Enactus Leão Sampaio (organização sem fins lucrativos formada por acadêmicos com finalidade de empoderar tanto socialmente como economicamente pessoas em situação de vulnerabilidade) possibilitou o interesse sobre a temática em questão, uma vez que possui um grupo composto por diversidade de gênero. A aproximação com essa temática proporciona um arcabouço teórico no qual se pode viabilizar o manejo clínico direcionado a pessoas nessa situação, bem como aos demais gêneros, pois suscita a compreensão tida acerca desse público e sua percepção inter e intrapsíquica.

Desse modo, problematizar questões relacionadas à diversidade de gênero implica questionar, também, concepções cristalizadas no feminino e masculino desmistificando essa ideia, além de reforçar a reponsabilidade ético-política do profissional da Psicologia. Dado isso, reafirmar o compromisso da Psicologia no qual deve ser atravessado por princípios os quais são embasados no código de ética do psicólogo contribuindo para a desconstrução de preconceitos e tabus relacionados a esse tema. Logo, as reflexões tidas a partir desse escrito, contribuem na compreensão das formas de vivenciar tal fenômeno.

Por conseguinte, o estudo em questão se evidencia como algo amplamente significativo no âmbito social visto que nossa sociedade é contribuinte para a ocorrência desse fenômeno. A partir dela surgem formas de preconceitos, discriminações e a decorrente exclusão não só das travestis, mas também de outros gêneros. A prostituição surge como um fenômeno no qual o mercado de trabalho formal influi de forma significativa por meio de sua negação para com as pessoas trans. Para mais, o adentro das travestis em território de prostituição emerge como algo que vai para além de propiciar uma fonte de renda para estas, possibilitando a construção e reafirmação de sua singularidade enquanto símbolo feminino.

Nesse sentido, este escrito teve seu ponto de partida com a seguinte problematização: como a literatura caracteriza a experiência da prostituição de travestis? Então, o presente estudo exalta a (trans)experiência das travestis e seus desdobramentos tendo como seus objetivos entender, a partir da literatura, a auto representação das travestis de modo a investigar sua singularidade, descrever como se configura a prostituição travesti, bem como investigar as vulnerabilidades e o processo de exclusão social implicados na experiência da travestilidade.

## **2 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

De início, foi apontada para este escrito uma metodologia na qual abarcaria a pesquisa de campo envolvendo um estudo de caso único com uma travesti tendo como método de coleta das informações a história de vida e para integração dos dados a análise de discurso proposta por Foucault. No entanto, devido às infrutíferas tentativas de manter contato com algum sujeito que se disponibilizasse a pesquisa, adota-se a pesquisa bibliográfica como sendo foco desse trabalho. Nesse sentido, o campo não se apresentou como o esperado evidenciando outra forma e corroborando na adaptação do pesquisador ao inesperado.

Dessa forma, assim como as travestis transcendem os binarismos existentes entre o homem e a mulher, convida-se o leitor desse escrito a perpassar as dicotomias existentes entre a pesquisa de campo e a bibliográfica. Ou seja, esta pesquisa vai para além de uma explanação bibliográfica, pois apresenta uma breve análise do que possivelmente tenha levado as travestis a negarem à narrativa. Então, os fracassos nas tentativas de entrevistar o sujeito dão margem para a problematização a respeito da marginalização, vulnerabilidade e zona de abjeção ocupada pelas travestis refletida a partir do não interesse destas na colaboração com o presente trabalho. Posto isso, essa reflexão será retomada posteriormente.

A pesquisa em questão é classificada como um estudo direcionado as ciências humanas por se tratar de um escrito em psicologia. Possui uma abordagem qualitativa na qual Gil (2010) aponta para uma pesquisa não estatística. Nesse sentido, a pesquisa se debruça no entendimento de dados subjetivos não se voltando para algo objetivo e estático. Assim, pesquisas desse cunho possibilitam a compreensão de dados subjetivos que não podem ser mensurados numericamente tornando-se viável a partir de uma relação mútua estabelecida entre pesquisador e pesquisando.

Continuando, este estudo possui natureza descritiva ao passo que se detém na compreensão e caracterização do fenômeno estudado, de acordo com Gil (2010). Ou seja, a partir de uma maior familiarização relacionada ao objeto de estudo, pode-se compreender as circunstâncias em que este ocorre possibilitando a descrição de suas características. Dito isso, suscita o entendimento por meio de uma compreensão flexível dos vários aspectos que constituem o fato explorado.

Por conseguinte, se apropria de uma visão teórica e metodológica apontada como revisão bibliográfica na qual analisa materiais publicados a respeito do tema estudado. A coleta de dados foi efetivada por meio de bases eletrônicas tais como *Scielo*, Google Acadêmico, Pepsic e Periódicos Capes. Logo, de acordo com Marconi e Lakatos (2010) esse método não consiste simplesmente na repetição do que já foi elucidado por outras pessoas, pois também viabiliza uma análise mais profunda sobre o tema em questão permitindo que o pesquisador possa concluir novas ideias.

Para que o desenvolvimento desse estudo seja palpável são adotados como critérios de inclusão obras clássicas e artigos científicos que se debrucem sobre a experiência tida por meio do gênero travesti na prostituição bem como a respeito de sua singularidade. Nesse sentido, possui como descritores os termos “travesti”, “prostituição”, “experiência” e “Psicologia”. Assim, quanto aos critérios de exclusão não serão levados em consideração artigos científicos com mais de 15 anos com exceção das obras clássicas. Para mais, escritos que fujam a delimitação do tema feita anteriormente também não serão adotados nesta pesquisa.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

3.1 “MAS SAIBA MEU SENHOR, SENHORA, QUE FIQUEI ASSIM POR DESFRUTAR DA LIBERDADE DE VIVER PRA MIM (E DEPOIS PRA VOCÊ)”: CONCEPÇÕES SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.

*“E se meu jeito lhe incomoda  
Digo e repito a toda hora  
Eu adoro ser essa pessoa que você detesta [...]   
Para de meter o bedelho onde não te interessa  
Minha alma é pura, pouco me importa se sou controversa”  
(Controversa – Adriana Deffentini)*

Atendo-se inicialmente a questões relativas à sexualidade, estas envolvem processos socioculturais diversificados. Assim, esta não se configura apenas como algo pessoal, mas também social e política na qual é multideterminada e construída ao longo da vida, de várias formas e de modo singular para cada indivíduo. Dito isso, a sexualidade não é algo inato que todos possuem naturalmente, essa ideia inatista acaba reforçando a negação desse caráter sócio-político a respeito de sua construção. Isto é, se a sexualidade é algo dado pela natureza, tal concepção sustenta que vivemos nossos corpos universalmente da mesma maneira (LOURO, 2000).

Para Foucault (1993) a sexualidade é tida como um “dispositivo histórico” no qual é algo eminentemente de ordem social, ao passo que se constrói atravessado por um campo histórico-social a partir de diversos discursos relacionados ao sexo. Estes, por sua vez, podem controlar, normatizar, ditar saberes e disseminar verdades. Quanto aos dispositivos, são os canais que esse fenômeno é atravessado tais como os discursos, instituições, leis, morais, agindo nos indivíduos produzindo marcas sobre os corpos.

Por conseguinte, existem diversas formas nas quais o sujeito pode experienciar seus desejos relacionados à sexualidade. Nesse interim, a identidade sexual do sujeito também se constrói ao passo em que o mesmo vivencia sua sexualidade com pessoas do mesmo sexo, sexo oposto, ambos os sexos e sem parceiros. Ligado a isso, pode ocorrer uma identificação configurando a construção da identidade de gênero (LOURO, 2000).

Dessa forma, fica notório que a sexualidade não é algo fixo e está em constante transformação, apesar de muitas pessoas acreditarem numa identidade de gênero e sexual imutável. Atrelado a isso, tem-se a ideia de um corpo que também possui marcas culturais, e que se apresenta como primeira impressão sobre o que somos. Ou seja, um corpo que se evidencia como algo que pode denunciar/sinalizar características de quem somos (LOURO, 2000).

Portanto, nosso corpo é atravessados por significados atribuídos pela cultura e conseqüentemente alterados por ela. Um corpo que muda com o devir do tempo e que muitos sujeitos só tomam consciência de seu próprio corpo ao passo que existe um investimento

disciplinar sobre este, quer dizer, quando o poder é operado sobre nosso corpo acarretando em uma resposta desse corpo, buscando formas de resistência para tal (FOUCAULT, 1993).

Assim, evidencia-se que os corpos são atravessados por marcas históricas e culturais nas quais subsidiam um sentido social para este. Dessa forma, as inscrições relacionadas ao gênero e sexualidade são feitas num determinado contexto com uma cultura específica, conseqüentemente o corpo é marcado por tal. Ou seja, assim como as questões relacionadas a sexualidade, o corpo também é influenciado pela cultura (LOURO, 2000).

A vista disso, nossos corpos são inconstantes sendo suas necessidades e desejos passíveis de mudança. Questionemo-nos como determinada característica passou a significar tanto para nós, pergunte-se também a respeito dos significados que nesse momento e cultura em específico estão relacionados a tal fato. Também se pode notar que alguma necessidade ou vontade que alguém demonstre não esteja de acordo com sua aparência física. Tudo isso demonstra que nossos corpos são modificados pela cultura, pelo tempo, com as enfermidades e com nossos hábitos alimentares, por exemplo (LOURO, 2000).

Por conseguinte, têm-se perspectivas voltadas para questões sobre gênero, no qual surgiu para tornar as relações entre homens e mulheres igualitárias, abandonando as determinações biológicas e voltando-se a um gênero construído socialmente. Assim, esse termo elucida a designação entre as relações sociais dos sexos, ou seja, os papéis desempenhados. Para mais, abarca essas vinculações como sendo interdependentes, no qual uma influi na outra implicando no modo de vivenciar cada sujeito (SCOTT, 1995).

Logo, gênero se configura como uma ferramenta social e política na qual se contrapõe a determinação biológica do corpo pela genitália. Ou seja, tem-se um gênero que se desprende de um determinismo homem-pênis e mulher-vagina e se volta para algo que possui um construto social. Assim, evidencia-se um gênero que é construído a partir da experiência relacional do sujeito com sua cultura e história durante toda a vida (SCOTT, 1995).

Atrelado as questões supracitadas tem-se a subjetividade que é comumente usada para explicar os modos de vida do objeto de estudo da ciência psicológica, o sujeito. Posto isso, Peres (2010) descreve que essa discussão parte de uma visão dialética entre os aspectos do próprio indivíduo e suas relações sociais. Dessa forma, sua construção também se dá por meio de experiências vivenciadas durante sua vida propiciando significados individuais ao sujeito.

Dado isso, esse fenômeno psicológico deve ser entendido a partir de níveis inter e intrapsíquicos relacionados ao sujeito. Assim, esse aspecto está em constante relação com a cultura e tentar compreendê-lo significa aproximar-se da expressão individual do sujeito. Logo, a psicologia considera que existem diversos tipos de subjetividade, estas expressões

únicas e decorrentes das relações interpessoais do sujeito com sua cultura se desenvolvem ao passo em que o próprio vivencia suas experiências sociais, históricas e culturais (CROCHÍK, 1998).

Dando seguimento a discussão, Butler (2003) ao desenvolver a teoria *queer* compreende os sujeitos e as práticas sexuais que ultrapassam esse sistema binário pautado no homem/mulher. Assim, os modos de subjetivação são evidenciados e expandidos abarcando as pessoas que não são compreendidas no binarismo, e para além, aponta as incoerências nesse sistema sinalizando que a heterossexualidade não é natural e sim produto das relações de poder nas quais ditam, controlam, e regulam a sociedade.

Destarte, tem-se o *queer* como um movimento, momento, algo recorrente ou contínuo que não se prende a uma definição ou estabilidade. Ou seja, a teoria *queer* diz respeito a algo fluído na qual aponta para indeterminação e instabilidade de todas as identidades sexuais e de gênero. Portanto, a teoria *queer* prega uma identidade que longe de ser imutável, pode ser temporal e passível de mudança (BUTLER, 2003).

Posto isso, a teoria *queer* envolve todos os sujeitos que fogem a regra e que em decorrência disso vivem na condição de exclusão justamente por não coincidirem com os ideais normativos disseminados. A árdua tarefa do *queer* é tentar politizar a respeito da condição dos sujeitos com intuito de que a vida *queer* seja respeitada e reconhecida como humana. Assim, diversas vezes essa teoria é tida como algo que questiona, desconstrói ou subverte uma verdade tida como absoluta ao passo que possui como finalidade o empoderamento relacionado à como os processos histórico-sociais de poder se estabelecem (PINO, 2007).

Tendo em vista a discussão supracitada, é notório que existem diversas formas de vivenciar nosso corpo, gênero e sexualidade, posto isso, tem-se o gênero das travestis no qual ultrapassa o binarismo homem/mulher, perpassa a zona fronteira tida entre o masculino e feminino. Assim, as travestis que são fortemente marcadas pela montagem de corpos. Isto é, buscam vestir-se com roupas tidas como femininas incorporando esse ideal a si. Esse processo de representação feminina costuma começar desde muito cedo, é uma resignificação de um antigo corpo para esse novo com características femininas, no qual possui particularidades como também qualidades que diferem do corpo feminino (BENEDETTI, 2000).

### 3.2 “SOU O CERTO, SOU O ERRADO, SOU O QUE DIVIDE, O QUE TEM DUAS PARTES”: NOÇÕES SOBRE TRAVESTIVIDADES.

*“Sou o novo, sou o antigo, sou o que não tem tempo  
O que sempre esteve vivo, mas nem sempre atento”  
(Mal necessário – Ney Matogrosso)*

Em meio às diversas manifestações de subjetividades que emergem na pós-modernidade nas quais são construídas por intermédio das relações individuais que os sujeitos estabelecem ao longo da vida, elucida-se o modo travesti de existir no mundo. Assim, as mais diversas formas que os sujeitos lidam com aspectos de si, sinalizam o cenário que diz respeito aos modos de vida contemporâneos (PERES, 2002).

A tendência pela expressão travesti tem seu ponto de partida através de sujeitos que evidenciam um inclinação pela homossexualidade, porém apontando para outra singularidade caracterizada pela montagem de seus corpos com adereços femininos não requerendo o órgão sexual contrário. Ou seja, buscam uma feminilidade ao passo que vestem-se enquanto símbolo feminino por meio de um corpo com sexo biológico masculino. Dessa forma, procuram estabelecer novas vinculações, se aproximando de uma outra forma feminina, o feminino travesti (BENEDETTI, 2000).

A subjetividade travesti surge imersa num modo social de funcionamento, este contém valores e significados ligados a um sistema patriarcal contemporâneo. Através desse sistema, são estabelecidas regras normatizantes que controlam práticas sexuais e de gênero. Logo, a elucidação do gênero travesti é tida como uma crise binária dos gêneros na qual desafia as referências acerca do campo feminino e masculino confundido algo já construído e apontando para novos significados (PERES, 2002).

Nesse ínterim, a demarcação do conceito de gênero travesti se aproxima de algo que é fortemente marcado pelo fato de borrar com as fronteiras dicotômicas existentes entre o masculino e o feminino. Diante disso, nega o determinismo biológico homem/pênis e mulher/vagina transcendendo a polaridade existente entre o campo feminino e masculino e se ancorando num feminino singular, o feminino que reúne características de ambos os sexos. Logo, tem-se um feminino individual, o feminino característico da travesti (BUTLER, 2003).

Assim, tanto as travestis como as transexuais se utilizam de diversas estratégias para a criação de seus corpos femininos. De forma individualizada, cada uma vivencia as nuances de seu processo que se inicia desde uma simples mudança como sobancelha ou unha, por exemplo, até as mais complexas estratégias tais como adesão de silicone, procedimentos cirúrgicos e/ou hormonização. Tudo isso faz parte da construção subjetiva da travesti, na qual se reinventa passo a passo (LEITE JUNIOR, 2017).

O corpo travesti não é coisa, nem ideia, é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, dor, historicidade e expressão criadora. Brinca com a reversibilidade corporal na medida em que se faz sujeito e objeto. Corpo que longe de ser incompreensível, como somos levados a crer, é perfeitamente esboço provisório para sua fluida ordem simbólica (DAVI; BRUNS, 2015, p. 524).

Dessa maneira, o gênero travesti transcende esse pensamento centrado apenas no homem e na mulher, perpassa a fronteira existente entre os gêneros masculino e feminino com intenção de sua inserção em um deles, uma vez que são as únicas possíveis em sua percepção. Tida como mutável, a travesti está em constante (trans)formação, mudanças que podem ocorrer durante toda sua vida (LEITE JUNIOR, 2017).

Diante disso, as travestis funcionam de acordo com a lógica de gênero e sexo no qual o que determina seu papel não se ancora nas divergências biológicas existentes entre homens e mulheres e sim o ato sexual, ou seja, a penetração de fato. No ato sexual, se o sujeito penetra se configura como homem, se é penetrado pode se caracterizar como gay ou mulher. Assim, o que de fato caracteriza a subjetividade travesti é a premissa de se sentirem atraídas sexualmente por homens, isso faz com que elas busquem sempre montarem seus corpos a fim de parecerem com pessoas do sexo oposto, porém não requerendo o órgão sexual contrário (KULICK, 2008).

Sendo assim, as travestis em seu modo individual de ser, não vivenciam personagens tal como as *drags-queens*, ainda que montem seus corpos a fim de uma feminilidade. Voltam-se significativamente para questões sexuais como demarcadora de sua experiência. Desse modo, apresentam um paradoxo no qual ao passo que desestabiliza o binarismo, se submete a uma relação heterossexual normatizadora (KULICK, 2008).

Consequentemente, as travestis em suas experiências acabam reforçando o polarismo a partir de um conjunto envolvendo regras e morais que definem o que é ser feminino e masculino a partir do gênero. Quer dizer, o que é ser ativo, passivo, ter força ou suavidade, por exemplo. Com isso, comungam com o pensamento de que homens precisam ser másculos, ativos e não ter trejeitos femininos (KULICK, 2008).

As travestis agem dentro de uma performatividade, ou seja, não constroem um personagem muito menos representam uma ficção, mas dizem respeito à representação de papéis. Portanto, a performatividade travesti não pode ser comparada com uma interpretação de um gênero, e sim como materialização e reiteração de sua feminilidade travesti. O que ocorre é que a sociedade patologizante incorpora essa expressão como uma forma extrema de homossexualidade ou como uma doença (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007).

Com o intuito de um corpo cada vez mais feminino, as travestis buscam seios e glúteos volumosos nos quais se aproximam de uma autenticidade característica das travestis. Assim, a naturalidade dos corpos escampa de uma visão linear disseminada socialmente, e muitas vezes, abre espaço para uma representação exacerbada de sua feminilidade. Dessa forma, muitas travestis buscam a perfeição de seus corpos e isso associado à busca por um feminino no qual leva a uma disciplina corporal e subjetiva sem fim e que pode atravessar toda sua vida (BUTLER, 2003).

Nesse viés, devido a um padrão heterogêneo disseminado na sociedade, se torna comum a exclusão social vinculada a questões ligadas a diversidade sexual tal como a experiência trans que quebra com o pensamento binário uma vez que a cultura pautada na mulher/vagina e no homem/pênis entra em contato com esses sujeitos que borram os limites de gênero. Dessa forma, evidencia uma identidade na qual é oposta àquela que é pregada a partir da genitália (BENTO, 2008).

Dito isso, a forma com que as travestis se socializam não é a mesma esperada por uma sociedade heteronormativa acarretando em diversas formas de exclusão tais como social, cultural, sexual e econômica nas quais decorrem em sofrimento psíquico. A segregação causada pelo campo social impede que estas não consigam obter acesso à educação e trabalho, a título de exemplo. Dessa forma, muitas recorrem ao âmbito sexual de trabalho como único meio que viabiliza sua fonte de renda (PERES, 2002).

### 3.3 “PISCA ALERTA PARA ENCOSTAR NA GUIA, COM LICENÇA, OBRIGADO, ATÉ LOGO, TIAL”: NUANCES SOBRE PROSTITUIÇÃO.

*“Todo mundo tem direito à vida  
 Todo mundo tem direito igual  
 Sem ter medo de andar na rua  
 Porque a rua é o seu quintal”  
 (Rua de passagem (trânsito) – Elba Ramalho)*

Voltando-se primeiramente para questões culturais e históricas, em outras épocas a prostituição não possuía uma visão linear, variando seu entendimento ao longo da história. Assim, Ceccarelli (2008), descreve que nas primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito esse ato era considerado sagrado uma vez que as sacerdotisas (tidas como sagradas) recebiam presentes em troca de atos sexuais. Na Grécia Antiga, a chamada *hierodule*, também considerada sagrada, ofertava relações sexuais em ocasiões específicas, porém o ato não era

tido necessariamente como prostituição, pois esta era vista como Afrodite ocupando um lugar de respeito diante do governo uma vez que representava amor e fertilidade.

Conseqüentemente, na antiga civilização grega a prostituição era um meio de alcançar renda como qualquer outro, porém o estado possuía poder sobre a prática. Nesse sentido, essas mulheres pagavam impostos ao estado e suas vestimentas deveriam sinalizar tal atribuição. Assim, a prática se configurava como algo que gerava muita renda fazendo com que algumas mães incentivassem suas filhas a adentrarem nesse meio (CECCARELLI, 2008).

Já na cultura judaica, a prostituição foi alvo de punições desumanas, a chamada “lei mosaica” ocupava-se na atribuição de sanções severas ao sujeito, chegando até a pena de morte. A partir do século XII, a corte passou a regular a Europa contribuindo para a ampliação da prática que passou a ser regulamentada, com isso muitas prostitutas conseguiram alcançar outro status de poder. Posteriormente, com a reforma religiosa no século XVI, o puritanismo passou a ditar regras e valores, a igreja católica usou a teologia para controlar a prática, assim a prostituição tornou-se clandestina, mas não foi extinta (CECCARELLI, 2008).

Apresentado um lapso histórico a respeito da prostituição, é necessário enfatizar que, por diversas vezes, esta é atrelada a algo de ordem moralmente feia de se praticar ao passo que se associa a uma servidão do sujeito, a devassidão, a um ato vergonhoso de ser cometido. Ou seja, o indivíduo que se prostitui por obrigação ou por vontade própria, leva uma vida promíscua, desmoralizante e até mesmo desonrosa. Assim, a prostituta é tida como aquela que é remunerada financeiramente para manter relações sexuais com seu cliente configurando a prostituição (SILVA, 2018).

Seguindo, muitas travestis enxergam a prostituição como uma obrigação ao passo que não existe inserção destas nas diversas áreas do mercado de trabalho formal. Isto é, no mercado formal ainda existe um ideal de funcionários que devem compor o quadro, pessoas brancas, heterossexuais, que não sejam “favelados (as)”, que não possuam religião de matriz africana e aí em diante. Dadas essas circunstâncias, as pessoas trans não se encaixam em tal descrição e vêm a prostituição como única saída de sobrevivência (PISCITELLI, 2013).

Nessa lógica, emerge a compulsoriedade da prostituição das pessoas trans, uma vez que estas adentram ao meio sexual de trabalho por não terem outras opções de fonte de renda. Assim, a prostituição se apresenta como única saída possível que viabiliza fonte de renda configurando, por sua vez, a compulsoriedade por disporem de apenas uma oportunidade. Logo, exalta-se a não serventia das travestis, é como se não tivessem habilidades para outros serviços, para o fazer de outro exercício profissional (PISCITELLI, 2013).

Tida como uma prática social, torna-se essencial enfatizar que se vende o ato propriamente dito e não o corpo do sujeito. Logo, caracteriza-se como um trabalho no qual, também, trocam-se serviços sexuais por bens e não somente por dinheiro, a partir disso se estabelece uma relação econômica. Posto isso, existe uma certa organização na atividade tal como as regras, horários, o que se pode ou não fazer bem como os valores do programa (PASINI, 2005).

Por conseguinte, uma das travestis na qual se tentou manter contato a fim de coletar dados de sua história de vida, propôs uma relação baseada na troca. Ou seja, para que esta viabilizasse seu relato, o pesquisador teria que gratificá-la de alguma forma. Desse modo, sinalizam-se suas experiências no terreno de prostituição, uma vez que é comum ao seu cotidiano de trabalho receber algum tipo de pagamento em detrimento de seus serviços

Seguindo, é comum (mas, não regra) o processo de transformação das travestis ter seu ponta pé inicial a partir da saída destas de suas casas sendo necessário adentrarem ao “mundo das ruas”. Assim, aprendem novas formas de sobrevivência que podem potencializam o processo de transformação da sua subjetividade. Buscando sempre sua autenticidade ao passo que inscrevem suas experiências em seus corpos, muitas precisam da ajuda de determinados grupos e é nesse momento que o amadrinhamento surge (PELÚCIO, 2005).

Nessa lógica, é comum as travestis veteranas se orgulharem de serem madrinhas ou mães das novatas, termos que muitas vezes são usados como sinônimos. Amadrinhar outra travesti significa proteger e ensinar os modos de vida travesti, geralmente as madrinhas são apontadas como as cafetinas. Estas, por sua vez, administram casas que possuem regras e obrigações na qual a amadrinhada passa a residir, é nesse local que muitas travestis experienciam as transformações incorporam sua feminilidade e as regras de prostituição (ORNAT; SILVA, 2013).

Logo, ao passo que as madrinhas sedem um local para suas afilhadas morarem, estas precisam custear um determinado valor para viabilizar sua permanência na casa. Assim, as madrinhas dependem do desempenho das travestis nas ruas, em troca, ensinam os valores da travestilidade tais como tomar hormônios, indicam as pessoas que injetam silicone, inserem as regras da prostituição ou cuidam da saúde de suas afilhadas. Ou seja, introduzem e potencializam os modos de vivenciar a travestilidade bem como o cotidiano na prostituição (PELÚCIO, 2005).

Nesse ínterim, a prostituição desde os primórdios sempre foi uma atividade vinculada às mulheres. Essa atribuição acaba reforçando uma ideia de “compra” dos corpos femininos e consequentemente a submissão destas em relação aos homens. Ainda que o status de trabalho

decorra como uma legitimação desse ato e corrobore em diversos ganhos para as pessoas que vivem disso, torna-se controverso ao passo que se aproxima desse paradoxo (SWAIN, 2004).

Dessa forma, outras perspectivas de gênero também podem experimentar os aspectos proporcionados a partir da prostituição. Assim, elucidam-se as travestis que de acordo com Kaffer *et al* (2016) encaram a prostituição como única ferramenta viável para sobreviver ao passo que necessitam de um meio econômico, uma vez que são excluídas de sistemas sociais, educacionais e profissionalizantes, dentre outros.

No que tange a exclusão, esta entende que o indivíduo “descartado” é improdutivo perante a sociedade. Com isso, as pessoas trans vivenciam processos de segregação constantemente que ocorrem em variados espaços como a família, trabalho e escolas, a título de exemplo. Fica nítido a exclusão em diversas esferas sociais, atreladas ao preconceito, agressões físicas, verbais, psicológicas, em outras palavras, as pessoas são punidas por serem verdadeiramente quem são. Essa punição social reverbera no futuro da trans uma vez que se a mesma é impedida de estudar ou trabalhar, conseqüentemente não poderá ascender socialmente na profissão desejada (BENTO, 2008).

Atendo-se a essa discussão, fica notório que a sociedade por diversas comporta-se de forma a adotarem posturas preconceituosas no que diz respeito à presença e ascensão do público trans no mercado formal de trabalho. Com isso, fica perceptível que mediante barreiras impostas, estas são privadas de uma qualificação exigida no âmbito trabalhista. Como consequência da negação advinda do mercado de trabalho, muitas travestis e transexuais adentram ao mundo da prostituição, enxergando como única saída (KAFFER *et al.*, 2016).

Assim, a prostituição é algo culturalmente e historicamente atribuído ao feminino na qual é ditada por normas masculinas sendo comum encontrar mulheres em situação de prostituição ao invés de homens. A apropriação desse campo advinda das travestis contribui para a associação entre estas e a identidade de “puta”, mesmo que algumas usem o termo “profissionais do sexo” com intuito de ressignificar o sentido dado a prostituição como forma de trabalho (GARCIA, 2008).

Já a incorporação da “puta” pelas travestis é influenciada por diversos fatores tais como o contato com outras mulheres que se prostituem ou a necessidade de satisfazer os desejos do cliente o que lhes conferem a reafirmação de uma feminilidade em seu imaginário. Dado isso, a prostituição pode servir para além de suprir as necessidades econômicas, mas também como um canal no qual a travesti utiliza buscando a construção ou (re)afirmação do seu feminino (GARCIA, 2008).

À vista disso, pode haver uma negação direcionada aos clientes que buscam uma posição passiva nos programas, pois esta pode suprir as necessidades financeiras, mas não supriria o desejo de se sentir mulher. Contudo, a escassez da procura por programas pode acarretar em problemas além do financeiro, uma vez que não proporciona o reconhecimento delas como mulheres que são desejadas. Fica nítido então, que para além de uma fonte financeira a prostituição desempenha papel fundamental na subjetividade da travesti, pois nesses terrenos ela pode ser elogiada e reafirmada elevando sua auto-estima ao passo que ganha seu dinheiro (KULICK, 2008).

Assim, são nos territórios que possibilitam a prostituição que as travestis ganham seu dinheiro, criam vínculos de amizade, reencontram amigas (os), paqueram, compram seus pertences, adaptam-se as exigências e acomodam as regras desse espaço. Para mais, é na vivência nesses territórios em que as travestis aprendem as formas e valores do feminino, bem como a tática do dia a dia da prostituição aprimorando preferências e gostos no que diz respeito ao sexo, também é lá que elas ganham ou adotam um nome feminino. Dessa forma, são nesses espaços que muitas travestis se constituem em sua forma subjetiva, corporal e social (DAVI; BRUNS, 2015).

### 3.4 “ARRANJE ALGUM SANGUE, ESCREVA NUM PANO”: REFLEXÕES SOBRE A VULNERABILIDADE, A MARGINALIZAÇÃO E A ZONA DE ABJEÇÃO OCUPADA PELAS TRAVESTIS.

*“Vista pela última vez em praça de Juazeiro, travesti é encontrada morta em PE” (G1, 2017).*

*“Travesti é assassinada com golpes de faca em Juazeiro do Norte” (G1, 2017).*

*“Travesti é encontrada morta a pauladas em Juazeiro do Norte – CE” (TV CARIRI, 2019).*

São muitos os noticiários sobre agressões e mortes voltados para aqueles (as) que subvertem as regras sociais. Dessa forma, muitas travestis são mortas e invisibilizadas uma vez que em diversas situações sua morte não consta nos boletins policiais e/ou tão menos seus corpos são (re)conhecidas por suas famílias sendo enterradas como indigentes. Nesse sentido, um cotidiano atravessado por preconceitos, violação de direitos e pela segregação estrutural corroboram para a precarização do acesso a cidadania desse público. Logo, são muitos os fenômenos contribuem para o status de vulnerabilidade e marginalização atribuído às pessoas trans (BONASSI *et al.*, 2015).

Desse modo, a forma com que as políticas públicas e a sociedade se organizam produzem efeitos de intensa marginalização das travestis. Assim, em diversas ocasiões são

expulsas de casa, impedidas do acesso à escola e ao trabalho formal, como se não bastasse, as travestis não possuem escolhas e usufruem das escassas políticas públicas destinadas a elas. Nesse sentido, a dificuldade de aceitação e a negação dessa identidade implicam em como culturalmente e historicamente as pessoas visualizam e lidam com as variâncias de gênero (PEREIRA; GOMES, 2017).

Assim, atribui-se a dificuldade do acesso aos serviços públicos de saúde, de assistência, da educação, do trabalho bem como a uma rede de apoio familiar à pela heteronorma. Essa norma acaba produzindo corpos abjetos que por não se adequarem as regras de gênero e sexualidade disseminadas socialmente são alvos de violência. Logo, são invisibilizados, silenciados, marginalizados, descartáveis e mortos (as) (BONASSI *et al.*, 2015).

Posto isso, essa problematização permite retomar o assunto das tentativas sem êxito de entrevistar uma travesti para que este escrito evidenciasse sua pesquisa de campo. Assim, a partir do estudo bibliográfico a respeito da experiência das travestis e de forma análoga o desinteresse das mesmas na contribuição da presente pesquisa, permite-se levantar algumas discussões. Dessa maneira, talvez outros fatores para além de puramente não se interessarem tenham contribuído para a negação da narrativa de sua história de vida para esta pesquisa.

Nessa lógica, ao descreverem aspectos relacionados à suas experiências, estas podem assumir o status de vulnerabilidade e marginalização e com isso legitimá-lo. Ou seja, ao passo que as travestis narram exclusões, violências e preconceitos que sofreram ao longo de sua descoberta enquanto travesti e na prostituição, estarão ocupando o lugar de pessoas vulneráveis e marginalizadas pela sociedade. Talvez seja sofrido assumir essa posição bem como rememorar experiências que podem evocar sofrimento para elas.

Dando seguimento a essa problematização, a discussão sobre marginalidade e vulnerabilidade abre espaço para a reflexão a respeito dos corpos abjetos das pessoas trans. Assim, Porchat (2015) descreve que abjeto diz respeito aquilo que pode ser expelido, ou o que não queremos ver em nós mesmos tal como os excrementos, as fezes, o vômito e a urina. Logo, o nosso corpo abjeto é apontado como nossa doença, nosso morte, nosso cadáver. Nesse sentido, os corpos abjetos da sociedade são aqueles execrados da mesma forma que execramos aquilo que é inútil, que nos apodrece, que não nos importa.

Os corpos abjetos são aqueles que não são considerados vivíveis sendo para a morte, são vidas matáveis, como se nascessem para a morrer, são corpos que não importam. Assim, a abjeção dos corpos não se aplica apenas as pessoas trans, mas também a todos os corpos considerados impróprios, improdutivos na sociedade tais como as pessoas negras, as que estão

em situação de rua e os pobres a título de exemplo. Os corpos abjetos não possuem existência legítima, são inteligíveis (BUTLER, 2003).

Dito isso, corpo abjeto é comumente utilizado para referirem-se as pessoas trans, porém na sociedade emergem vários modos de vida nos quais o termo pode ser atribuído. A produção de corpos abjetos não é apontada apenas à heteronormatividade na qual segrega as pessoas trans. Nesse sentido, assim como cada sujeito produz seus abjetos (fezes, vômito, urina), cada sociedade/cultura produz sua legitimidade e em decorrência suas exclusões, suas objeções (BUTLER, 2003).

De forma análoga a abjeção da experiência travesti, percebeu-se a partir da negação do depoimento advindo destas a manifestação das artimanhas do poder fazendo com que as mesmas incorporem o não lugar, um lugar de invisibilidade. Desse modo, são invisíveis aos olhos sociais ao passo que ocupam o lugar de não valorização, o não espaço ou até um não reconhecimento de si. Nesse seguimento, também se percebeu a falta de legitimação das próprias experiências evidenciadas por não se sentirem autorizadas para a narrativa.

Dito isso, fica claro que existem vidas não vivíveis, corpos que habitam a margem do humano. Assim, corpos dignos e que importam são aqueles aceitos na matriz social (brancos, negros, heterossexuais), a partir disso são concebidos os ideais de normalidade e anormalidade nos quais são excludentes e conseqüentemente as vidas que não importam. Nesse sentido, a forma com que a sociedade confere humanidade a determinada pessoa é passível de mudança, porém o que aponta aspectos do humano para alguns sujeitos é exatamente o que desumaniza outros, configurando assim o processo de abjeção (BUTLER, 2003).

Apesar de experienciarem cotidianamente processos de abjeção criados pela esfera social, os corpos trans resistem e subvertem as heteronormas negando os padrões hegemônicos. Isto é, os corpos carregados de estigmas e tidos como inúteis, descartáveis e invivíveis, resistem a força do poder social manifestando a recusa contra tais ideais. Dessa forma, percebe-se que mesmo com os esforços voltados para a extinção dos corpos trans, estes são subversivos ao passo fogem do controle social e resistem dia após dia (STEVENS; SWAIN, 2008).

#### **4 (IN)CONCLUSÃO**

Com a problematização acerca do gênero travesti, sua experiência na prostituição e as demais implicações levantadas anteriormente, buscou-se compreender de que forma a

literatura caracteriza a experiência da prostituição das travestis. Assim, procurou entender, a partir da literatura, a auto representação das travestis ao passo que investigou sua singularidade, descreveu como se configura a prostituição travesti e investigou as vulnerabilidades e o processo de exclusão social implicados na experiência da travestilidade através de um levantamento bibliográfico.

Dessa forma, emerge como notório a construção sociocultural atravessada por marcas históricas nos corpos, no gênero e na sexualidade do sujeito. Nessa lógica, esse fenômeno se distancia de algo estável e/ou imutável podendo ser construído durante toda a vida por meio de um processo fluído e passível de mudança. Logo, a construção da singularidade travesti não é inata, mas faz parte de uma construção atravessada pela cultura e pelas relações que estas estabelecem ao longo de sua vida.

Nesse sentido, a partir da compreensão tida a respeito da singularidade travesti, esta, denuncia um fenômeno individual no qual transcende a zona fronteira evidenciada entre o feminino e o masculino formando um outro feminino, o feminino travesti que reúne características físicas masculinas com a individualidade feminina. Dessa forma, essa manifestação subjetiva possui seu próprio modo de existir, elucidado na medida em que se comunicam, montam seus corpos ou manifestam suas experiências cotidianas. Dito isso, a psicologia legitima os vários modos de subjetivação ao passo que considera, inclui e pauta seu compromisso na desnaturalização de preconceitos e segregações.

Por desafiar ou desconstruírem as heteronormas que existem em nossa sociedade, as travestis são privadas de seus direitos tais como irem a escola, conseguirem um emprego formal, usufruírem dos serviços públicos e até mesmo são expulsas de casa. Essas exclusões sociais experienciadas cotidianamente contribuem para o adentro compulsório das travestis no meio sexual de trabalho, uma vez que este é visto como único meio possível. Nessa lógica, esse campo para além de propiciar uma fonte de renda, agrega de forma imprescindível na construção da singularidade travesti.

Assim, o terreno de prostituição pode contribuir na (re)afirmação de sua feminilidade ao passo que proporciona o contado com seu nome social, siliconização e hormonização, por exemplo. A validação de sua feminilidade também se faz possível ao passo que são procuradas para exercerem papéis femininos nas relações sexuais. Ou seja, ao ocuparem a posição passiva na relação sexual estarão desempenhando um papel socialmente tido como feminino, afirmando sua feminilidade e conseqüentemente sendo legitimada por quem a procurou.

Com isso, por viverem as variâncias de serem verdadeiramente quem são, a sociedade as punem de modo a produzir políticas de morte. Logo, devidos aos inúmeros fatores que contribuem para a exclusão social desse público, estas vivem, por diversas vezes, de forma vulnerável, marginalizada e abjeta. Nesse sentido, as pessoas trans nascem para a morte, a sociedade decide qual vida importa, quem vive e quem merece morrer, qual vida é passível de luto e do sofrimento alheio.

Na convicção de que este estudo acrescenta no tocante à reflexão das artimanhas do poder social no qual elege verdades e conseqüentemente exclui outras, ressalta-se a importância na elaboração de escritos que problematizem a respeito da temática aqui explorada. Pois, a reflexão abarca as várias manifestações subjetivas e os modos de vida dos sujeitos, se configurando como um dos pontos que, poder-se-ia contribuir na desmistificação de ideais (pré)estabelecidos. Para mais, enfatiza-se a inquietação do que pode ter falhado no processo da busca de uma travesti que se disponibilizasse a dar seu depoimento para a presente pesquisa a fim de que isso não ocorra futuramente.

## REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BONASSI, B. C.; AMARAL, M. S.; TONELI, M. J. F.; QUEIROZ, M. A. Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. **Cadernos de psicologia**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 83-98, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CECCARELLI, P. R. Prostituição – Corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro**, Recife, v. 4, n.1, p. 1-16, 2008.
- CROCHÍC, J. L. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v.9, n.2, p. 69-85, 1998.
- DEFFENTI, A. **Controversa**. Tratore, Orbeat Music: 2006. 03:42 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MwcUJWEMhDo>>. Acesso em 10 de maio de 2019.
- DAVI, E. H. D; BRUNS, M, A, T. Mundo-vida travesti: abordagem fenomenológica das travestilidades. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 521-533, 2015.

DUQUE, T. **Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis**. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GARCIA, M. R. V. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n.4, p. 241-256, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

G1 CEARÁ. **Vista pela última vez em praça de Juazeiro, travesti é encontrada morta em PE**, 25 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ceara/noticia/vista-pela-ultima-vez-em-praca-travesti-de-juazeiro-do-norte-e-encontrada-morta-no-pe.ghtml>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

G1 CEARÁ. **Travesti é assassinada com golpes de faca em Juazeiro do Norte**, 15 de maio de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ceara/noticia/travesti-e-assassinada-com-golpes-de-faca-em-juazeiro-do-norte.ghtml>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

KAFFER, K. K.; RAMOS, F. G.; ALVES, A. L.; TONON, L. A transexualidade e o mercado formal de trabalho: principais dificuldades para a inserção profissional. **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, Porto Alegre, 2016, p. 1-13.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LEITE JUNIOR, F. F. **Sob as marcas do tempo: (trans)envelhecimento na (trans)contemporaneidade**. Jundiaí: Paco, 2017.

LOURO, G. L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte, 2000.

MARCONI, M. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOGROSSO, N. **Mal necessário**. Feitiço, 04:40 min, 1978. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sR5EaVUjxQQ>>. Acesso em 10 de maio de 2019.

MELODIA, L. **Pérola negra**. Pérola negra. 1973, 02:51 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bJjKyc7VeCc>>. Acesso em 10 de maio de 2019.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, p. 257-269, 2007.

ORNAT, M. J. SILVA, J. M. Território descontínuo paradoxal e prostituição na vivência travesti do sul do Brasil. **Desafios Atuais dos Feminismos**, Florianópolis, p. 1-12, 2013.

PASINI, E. Prostituição e a liberdade do corpo. **Clam – Amb**, Rio de Janeiro, 2005.

- PELÚCIO, L. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n.1, p. 313-337, 2009.
- PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 217-248, 2005.
- PERES, W. S. Biossociabilidade contemporânea e a expressão travesti. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, n. 1, v.1, p. 8-17, 2002.
- PERES, W. S. Travestis, escolas e processo de subjetivação. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 57-66, 2010.
- PEREIRA, F. Q. GOMES, J. M. C. Pobreza e gênero: a marginalização de travestis e transexuais pelo direito. **Direitos fundamentais e democracia**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 210-224, 2017.
- PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, v.5, p. 149-174, 2007.
- PISCITELLI, A. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.
- PORCHAT, P. Um corpo para Judith Butler. **Periódicos**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 1, p. 37-51, 2015.
- RAMALHO, E. **Rua de passagem (transito)**. Qual o assunto que mais lhe interessa?, 03:25 min, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z2wfAhjww-E>>. Acesso em 10 de maio de 2019.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, G. N. As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 11, n. 1, p. 15-25, 2018.
- STEVENS, C. M. T. SWAIN, T. N. **Corpo-projeto**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.
- SWAIN, T. N. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Unimontes científica**, Montes Claros, v.6, n.2, p. 23-28, 2004.
- TV CARIRI. **Travesti é encontrada morta a pauladas em Juazeiro do Norte – CE**, 01 de abril de 2019. Disponível em:< <https://www.portaltvcariri.com.br/travesti-e-encontrada-morta-a-pauladas-em-juazeiro-do-norte-ce/>>. Acesso em 01 de junho de 2019.